



Presença Negra nas vias do folclore parintinense: entre silêncios e ressignificados¹.

Jéssica Dayse Matos Gomes²
Renilda Aparecida Costa³

Resumo

A presença negra no baixo Amazonas, limite com o Estado do Pará, considerada quantitativamente pequena, teve influencia do Bumba-meu-boi maranhense que contribuiu para o boi-bumbá nesta região. Uma das mais conhecidas versões históricas regionais aponta o surgimento do boi-bumbá amazonense a partir da vinda dos nordestinos para a região, desenvolvendo aqui um folguedo semelhante ao maranhense, mas com características próprias, em virtude da convivência e redes de interdependência com indígenas e caboclos. Em Parintins, as manifestações que possuem influencia da cultura negra não auto afirmam ligação ou se identificam explicitamente como de matriz afro. Este estudo apresenta registros da presença negra em Parintins e discute a questão dos ressignificados da presença negra no Folclore do município. Utilizamos notas de delegacia, descrições, anúncios de jornais e literaturas parintinenses sobre a presença negra na localidade para as análises. As fontes possibilitam a abordagem sobre o Folclore de Parintins e a presença negra no boi-bumbá. A discussão sobre a presença negra no território amazonense é de suma importancia para o conhecimento de um Amazonas Plural, diminuindo equívocos sobre sua formação histórico-social e contribuindo para análises sobre a identidade étnico-racial na região.

Palavras-chave: Boi—bumbá; cultura negra; Parintins.

Conhecido no Brasil e exterior em virtude de suas manifestações folclóricas, o município de Parintins⁴, pertencente ao Estado do Amazonas mantém a identidade ligada à cultura indígena, considerada predominante na região. Tal ênfase à cultura nativa é representada na festa dos bois bumbás Garantido e Caprichoso realizada no mês de junho, desde a segunda metade da década de 1960. Nos últimos anos se apresenta uma crescente ênfase às influencias africanas na cultura regional, ainda que haja estranhamento sobre a presença negra no Estado do Amazonas.

¹ Trabalho apresentado no GT 06 - Identidade Nacional e Identidade Regional étnico-racial nas fronteiras da Pan-Amazônica do III SisCultura.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA e professora da rede pública estadual – SEDUC/AM. E-mail.com: dayse_hinata@hotmail.com.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA.

⁴ Município do interior do Estado do Amazonas, localizado a 369 km de distancia via fluvial da capital Manaus.



Sobre a cultura afro em Parintins assim como no Estado do Amazonas é importante salientar que mesmo sabendo de sua importância na formação sociocultural amazônica - tal como em âmbito nacional-, a presença negra em domínios parintinenses é tratada em segundo plano, ainda que se possuam registros quantitativos em algumas literaturas locais e em documentos.

A cultura negra em Parintins parece não ter sido significativa, uma vez que os registros são limitados e pouco divulgados, que na zona rural do município exista um distrito chamado Mocambo, mas não reconhecido pelos comunitários como território de remanescentes quilombolas.

Neste artigo tem como proposta seminal apresentar registros da presença negra em Parintins e discutir a questão dos ressignificados da presença negra no Folclore do município. Nesse sentido, o presente estudo se divide em duas partes: i) Registros da Presença negra em Parintins: onde realizamos a apresentação de notas de delegacia, descrições, anúncios de jornais e citações extraídas de literaturas parintinenses feitos sobre a presença negra na localidade e ii) Folclore de Parintins e a presença negra no boi-bumbá onde se discute a presença negra nas manifestações folclóricas parintinenses, particularmente, o boi-bumbá.

Registros da Presença negra em Parintins

Antes de analisarmos a presença negra em Parintins, apresentamos breves considerações sobre registro sobre negros em territórios parintinenses.

Estudos realizados em fontes documentais como relatórios, livros de ofícios, livros de batismo, obituários, jornais, entre outros documentos de séculos passados tem dado destaques aos negros na região amazônica. Ao se tratar de Parintins, há interesse de diferentes sujeitos e grupos sociais em buscar mais informações sobre a história e cultura afro no município, enfatizando dados que não se limitam ao quantitativo de negros que foram submetidos ao trabalho compulsório na região.

Na região de Parintins, a presença negra parece ter sido silenciada durante muito tempo, uma vez que mesmo existindo comunidades denominadas Mocambo do Arari, Mocambo do Mamurú, Terra Preta, ao se realizar pesquisas sobre essas localidades, não

se encontra diversidade de documentos ou mesmo afirmações sobre a presença negra no território parintinense e em seu entorno. A história que comunitários conhecem muitas vezes são cheias de lacunas com relação a presença africana e seus descendentes em seu território.

Sobre os registros existentes sobre a presença negra em Parintins, analisamos obras memorialistas e fontes documentais que apresentam versões sobre Saunier (2003), memorialista nascido em Barreirinha e pesquisador do município de Parintins, destaca em seu livro *Parintins: memória dos acontecimentos históricos* dados quantitativos de negros escravizados no território de Tupinambarana, como é conhecida Parintins no século XIX e comumente chamada nos dias atuais. Segundo sua pesquisa:

Os primeiros escravos introduzidos em Parintins vieram com José Pedro Cordovil em 1796. Em 1848, havia 77 escravos. Em 1856, o número elevou-se para 180. Em 1859, tinha 192. Em 1861, subiu novamente para 263. Em 1869, caiu para 149. Em 1873, existiam somente 80. Em 1877, subiu para 117. Em 1881, eram 134. Em 1884, a Província do Amazonas aboliu a escravatura. Nesse ano, Parintins possuía 132 escravos. Desse total, o Cel. José Furtado Belém libertou 30, e o Cel. Antônio Guerreiro Antony, viajou de Manaus a Parintins, libertando o restante, 102 escravos (SAUNIER, 2003, p. 55).

Conforme Braga (2007), o povoado Tupinambarana foi fundado em 1796 por José Pedro Cordovil, capitão de milícias que desenvolveu a agricultura com negros, agregados e índios; logo, o uso do termo “escravos” pode denotar tanto negros como índios, favorecendo a inexatidão do quantitativo de negros introduzidos no território que seria posteriormente Parintins.

Na VI parte do livro de Antônio Bittencourt (2001, p. 77), o autor afirma que “Parintins também participou do legado que a metrópole portuguesa instituiu no Brasil: a escravatura”. Já Valentin (2005, p. 84) considera que “convém ressaltar que a Cordovil é atribuído o início da colonização oficial da ilha, uma vez que foi o primeiro a ali se implantar, inclusive com escravos africanos e servidores portugueses”.

Estudos que vêm sendo destaque nos diversos campos das ciências Humanas e Sociais encontram nos documentos, notícias de jornais e narrativas de antigos moradores de comunidades e centros urbanos, evidências sobre negros na região de



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Parintins. Reis (1967) identifica em suas pesquisas que no ano de 1805 existiam mocambos compostos por negros e índios que resistiam ao trabalho escravo. Tais mocambos eram denominados de *bandos da Missão de Vila Nova* (REIS, 1967; BRAGA, 2011) que Saunier também cita registrando que, no mesmo ano de 1805, “bandos da missão de Vila Nova abandonaram-na, formando mocambos” (SAUNIER, 2003, p. 24).

Em 15 de outubro de 1852, cumprindo a lei paraense de 14 de março de 1848 que precisou de ajustes durante quatro (quatro) anos, Vila Nova da Rainha (Parintins) é elevada a categoria de vila e município, com o nome de *Vila Bela da Imperatriz*, sendo dividido em dois distritos: Parintins e Ilha das Cotias. Dentro do distrito Parintins existia os subdistritos: Parintins, Macurani, Paraná do Ramos, Uaicurapá, Serra de Parintins, Paraná do Limão, Paraná do Xibuí e Parananema. E, ao distrito de Ilha das Cotias pertenciam: Ilha das Cotias, Aduacá, Xixiá, Sapucaia, Cranari, Costa do Jacaré, Caldeirão, Bom Jardim, Nhamundá, Paquiri, Paratucá, Barão, Jatuarana, Mutungu, Espírito Santo e Cabori (SAUNIER, 2003).

Um dos distritos de Parintins, não identificado, é relatado por Souza (1988, p.123):

Na margem direita do rio Maturú, já muito acima da sua foz e no distrito de Vila Bela da Imperatriz há um lugar denominado Forca. Semelhante denominação lhe proveio do seguinte fato. Tendo por ali aparecido alguns escravos fugidos, ocultaram-se nas matas, que naquelas paragens julgaram próprias para um mocambo. Receosos da vizinhança destes hóspedes reuniram os índios habitantes do rio e dando um assalto ao lugar aprisionaram os escravos em número de 6. Para evitarem as delongas da justiça, colocaram em ato contínuo uma travessa entre duas árvores e ali foram enforcados os seis infelizes, que bem caro pagaram o arrojo de quererem gozar da liberdade que receberam das mãos do Criador. Os moradores das circunvizinhanças ainda olham com horror para o sítio e as árvores, testemunhas daquelas cenas de sangue e de barbárie.

Souza (1988) afirma que os mocambos eram grandes atrativos para escravos e que existiam mais de 2.000 escravos fugidos vivendo nos mocambos do Trombetas em Óbidos e de Curuá, em Alenquer. Nesses redutos eles cultivavam a mandioca e o tabaco de alta qualidade; colhiam castanha, salsaparrilha, entre outros produtos que

esporadicamente comercializavam com os regatões às escondidas no porto de Óbidos, aonde chegavam de canoas à noite. Muitos consideravam os mocambos como algo maléfico para o bem comum, conforme pondera Souza:

E, pois além da grande falta de braços com que lutam os agricultores do Amazonas, em consequência da avulta da emigração que afluem para os seringais, tem ainda de lutar com a praga dos mocambos, que são com uma viva e permanente ameaça! (1988, p. 96)

A ameaça dos mocambos era um grande problema para as autoridades da região, em virtude da organização que os negros desenvolveram e a permanência de seus mocambos, que foram muito além da abolição da escravatura. Os mocambos eram vistos pelas autoridades provinciais como exemplo da rebeldia e criminalidade dos negros e isso os configurava como “praga” na concepção de muitos habitantes do território amazônico.

Na região de Parintins, os “insubordinados” também resistiam, rebelavam e fugiam para conquistar sua liberdade, mas sempre eram tidos como ameaças. Cavalcante (2013, p.25) apresenta registros sobre os fugitivos que demonstram a presença negra no Amazonas, conforme documentos que possuem dados e relatos como este:

Felipe “preto retinto, idade 22 anos, dentes partidos, tem sinais de surra”, conhecia algo daqueles furos, rios e igarapés. Em 1847, já havia fugido em direção a Comarca do Amazonas. Guardava na memória os tempos de resistência e liberdade vividos “ainda rapaz, sem barba, em Vila Nova da Rainha”, tocando sua guitarra. Na área próxima ao rio Urubu, região de “todo deserto”, as taperas das abandonadas freguesias” serviam de mocambos a escravos fugidos⁵. Felipe podia guardar as antigas amizades quilombolas, protetores de fugas (açoutadores, dir-se-á), solidários por certo⁵.

A descrição do negro Felipe mostra que houve presença negra em Parintins anteriormente denominada Vila Nova da Rainha. Este nome é devido a ilha de Tupinambarana ter sido aceita e elevada em 1803 à categoria de Missão Religiosa, pelo Capitão Mor do Pará, Conde dos Arcos, que encarregou frei José das Chagas como

⁵ SOUZA, Francisco Bernardino de. Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



administrador do lugar, o qual recebeu o nome de Vila Nova da Rainha, e, muitos anos depois essa missão se tornaria Parintins.

Com relação à área distrital pertencente ao município de Parintins, há indícios de que em sua região houve espaços de fuga, e as pesquisas evidenciam ainda mais isto. Conforme pode ser entendido na citação abaixo:

Cidades do interior, como é o caso de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), também foram marcadas pela cultura escrava, pela resistência. Exemplo disso pôde ser verificado quando um de seus quarteirões era reconhecido, inclusive pelas próprias autoridades policiais, como “quarteirão do mocambo”, isto é, sua própria urbanidade estava atravessada pela resistência dos escravos, pela cultura dos fugitivos. A busca por autonomia marcava também as bases de uma sobrevivência cultural cuja lógica dava outros significados ao registro oficial para o espaço urbano. (CAVALCANTE, 2013, 140)

Os mocambos então se formaram como lugares da realização da liberdade tão sonhada pelos negros que sofriam com a escravidão. Por outro lado, foram visados como incômodo aos administradores das províncias. A esse respeito, Pinheiro (1999) considera que:

Em meados do século XIX, mesmo depois de toda a violenta repressão empreendida para sufocar o movimento cabano, do qual os escravos negros tomaram parte, os mocambos, já proliferados por todo o baixo Amazonas, tornaram-se alvos prioritários nas preocupações das autoridades provinciais (PINHEIRO, 1999, p. 158).

Na região de Parintins, pesquisas apontam umas áreas denominadas hoje “mocambo” como território de conflitos. Segundo o Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de novembro de 1862⁶ para o Chefe de Polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, um escravo chamado Maximiano José, de aparência mulata, apresentava ter trinta anos, sem barba, boa altura, sendo oficial de alfaiate, fugia há vários meses e encontrava-se no “Quarteirão do Mocambo”, distrito de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), para onde várias diligências foram

⁶ Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de novembro de 1862 para o chefe de polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa. Livro de Ofícios da Secretaria de Polícia de 1862. Arquivo Público do Estado do Amazonas.



enviadas com o objetivo de capturá-lo. Segundo Cavalcante (2013) e Gomes (2006) o “Quarteirão do Mocambo” constituía o típico “campo negro”, onde havia conflitos, solidariedades e proteção.

A pesquisa de Cavalcante aponta importantes registros da presença negra na região de Parintins.

Em Vila Bela da Imperatriz o escravo Maximiniano José, “mulato, 30 anos, sem barba, alto, oficial de alfaiate” vivia fugido há mais de dez meses no “Quarteirão do Mocambo”, distrito desta Vila, para onde várias diligências haviam sido enviadas a fim de captura-lo¹². Esses lugares constituíam o típico “campo negro”: lugar de conflitos, solidariedades e proteção que marcavam o cotidiano¹².

Os indícios de presença negra na região de Parintins no que diz respeito a territórios de amocambados ainda ressentem de mais pesquisas, mas há a presença negra nas manifestações culturais parintinenses e alguns registros nas literaturas memorialistas locais.

Folclore de Parintins e a presença negra no boi-bumbá

Em Parintins, as manifestações que possuem influencia da cultura negra não auto afirmam ligação ou se identificam explicitamente como de matriz afro. A exemplo, temos o próprio boi bumbá, que, derivado do bumba-meu-boi (versão mais conhecida por estudiosos) adequou-se ao contexto regional após períodos - contínuos ou não – de grande alcance cultural do cinema norte-americano, do carnaval carioca e outras vertentes.

No Amazonas, um dos registros mais antigos da presença negra no boi-bumbá é feito por Avé-Lallemant (1980), que descreve um grupo de gente pobre, entre eles negros e índios, batucando em torno de um boi de pano em Manaus. Com relação ao boi-bumbá em Parintins, Andreas Valentin (2005) afirma que:

vale ressaltar que a presença de negros no médio Amazonas, mesmo pequena, influencia o surgimento e a própria evolução do boi-bumbá na região [...] o bumba meu boi do Maranhão, trazido para a região pelos migrantes da seca,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



encontrou aqui não só um folgado parecido, como também através do convívio com os negros, a identificação com o seu ritmo e sua música (VALENTIN, 2005, p. 86).

O folclore de Parintins, especialmente, o boi bumbá - uma das mais reconhecidas manifestações amazonenses - tem sua gênese e desenvolvimento ligados à cultura negra, com a ênfase de que os fundadores dos bois serem descendentes de negros nordestinos e elementos que reafirmam a ligação com a cultura afro como: marujada, batucada, homenagem a São Benedito, entre outros indícios e afirmações que os bois revelam.

No livro *Boi Garantido de Lindolfo* de Dé Monteverde e João Batista Monteverde, os autores relatam que a trajetória do fundador do Boi Garantido de Lindolfo Monteverde. A história do mesmo teria começado com chegada à Parintins de Germana da Silva, descendente de negros da costa da África no século XIX. Esta chega à Ilha Tupinambarana por volta do ano de 1820 com as marcas da escravidão que lhe afligira e após alguns anos casa-se com Alexandre Monte Verde da Silva, com quem tem uma filha: “Alexandrina Monte Verde da Silva, nascida em 20 de dezembro de 1864” (MONTEVERDE, 2003, p.11).

Alexandrina foi mãe de Lindolfo Marinho da Silva, conhecido posteriormente como “Lindolfo Monteverde, o criador do Boi Garantido”, nascido em 02 de janeiro de 1902, fruto de seu relacionamento com um homem chamado Marcelo.

Com relação ao Boi Caprichoso, muitas histórias tentam explicar sua origem, sendo uma das mais conhecidas e relatadas por antigos moradores de Parintins de que existem ligações entre o Boi Caprichoso e a Praça 14 de Janeiro em Manaus (bairro onde se localiza o Quilombo do Barranco), dando a entender de que o Coronel José Furtado Belém teria trazido o Boi Caprichoso da Praça 14 para brincar em Parintins em 1913, sendo que esse bumbá teria “nascido em Manaus” em 1912 (SAUNIER, 2003, p. 206).

A história oficial proferida pelos representantes dos dois bois-bumbás é de que os mesmos teriam sido criados em 1913 como pagamento de promessa à São João Batista, santo junino.

Sobre uma das influências afro nos itens do boi-bumbá, Cardoso e Neves (2013) referenciam o histórico do boi Caprichoso apresentado em 2011, onde se afirma que Roque Cid, considerado um dos fundadores do boi negro,

além de organizar o boi-bumbá organizava o Cordão dos Marujos, manifestação de cunho religioso, trazido do nordeste, que deu origem ao nome da percussão do boi Caprichoso. O nordestino também era conhecido como Mestre Roque, por ter como ofício a profissão de pedreiro. Relatos descrevem que muitas construções do bairro São Benedito foram por ele executadas. Alto e magro, era um homem singular, com sotaque característico do sertão nordestino.

O bairro de São Benedito, situado na zona oeste do município de Parintins, possui uma igreja dedicada ao santo negro desde 1945, resultado de reivindicação popular que possibilitou que o padre Victor Heinz conseguisse um terreno cedido pelo prefeito Pedro Ferreira de Souza na área onde se localiza atualmente, próximo à baixa de São José, berço da família do fundador do Boi Garantido. Mas deve-se considerar que a devoção a São Benedito é antiga em Parintins, pois, já no século 19 existia uma capela em honra ao negro santificado, que foi demolida e resultou em castigo mortal para seus demolidores (CERQUA, 2009).

A proximidade com o Estado do Pará, onde se encontram manifestações negras como a Marujada de São Benedito de Bragança e a existência da mesma manifestação em Freguesia do Andirá, território de Barreirinha, que também pertence à Diocese de Parintins não são mera coincidências. Os indícios da presença negra silenciada em documentos e História oficial são ressignificados nas pesquisas acadêmicas dos últimos anos.

Outro item dos bois que exprime a cultura negra é a toada que é entendida como “o canto de boi-bumbá [...] um ritmo afro-brasileiro, mistura contagiante do samba, marcha e cateretê” (SAUNIER, 1989, p. 33).

Sendo a toada à canção de boi-bumbá do Festival Folclórico de Parintins, não se nega a contribuição negra em sua constituição, ainda assim, a festa dos bois ainda apresenta a cultura afro de forma acanhada, denotando a necessidade de aprofundar a exploração da contribuição afro-brasileira na festa local. Sobre a função da toada no



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Festival de Parintins, o produtor cultural e compositor de toadas Marcos Moura afirma que:

Bem, a toada é, no momento, na contemporaneidade, ela é o fio condutor do Festival, de um festival amazônico. A toada é grande responsável pelas reflexões, pelas aprendizagens, pelos discursos, pelos rumos que esse Festival pode tomar. Então a toada é a mãe das demais artes presentes no Festival Folclórico de Parintins, que começou com uma cultura tradicional, popular e se espetacularizou numa conjuntura de indústria cultural, de cultura de massa, mas ao mesmo tempo, numa batalha contínua⁷.

Os compositores dos bumbás apresentam, principalmente nos últimos anos, obras que enfatizam a cultura, a luta e resistência do povo negro, mostrando que as toadas podem ser um canal para manifestar os temas mais importantes da história e cultura afro tanto no âmbito local, como em outros territórios.

Deve-se considerar que “as letras das toadas transmitem um conhecimento popular, um saber cultural do povo que criou este tipo de texto. Assim, entender suas letras é uma tarefa que ajuda a compreender a identidade povo amazônica” (AZEVEDO E SIMAS, 2015, p. 51). A identidade amazônica está entrelaçada com a cultura negra, ainda que esta seja invisibilizada em muitos âmbitos.

A cultura africana é essencial para a constituição identitária amazonense e as toadas de boi bumbá trazem mensagens que representam esta identidade.

Os compositores de toadas estão ligados diretamente ao folclore e através das letras das canções apresentam concepções sobre a realidade dos marginalizados, tal como a cultura negra era tratada no contexto do Festival de Parintins até o ano de 2017, quando a matriz africana passa a ter maior destaque em alguns momentos da apresentação dos bumbás na arena do Bumbódromo⁸.

Ainda que na contemporaneidade a toada seja composta de diferentes sons oriundos de vários instrumentos, em seus primeiros períodos de entoação apenas a voz do repentista bastava. O pescador Lindolfo Monteverde, criador do Boi Garantido, descendentes de negros maranhenses tinha um cantar forte e genuinamente popular,

⁷ Entrevista realizada em maio de 2018 na Cidade Garantido, Parintins.

⁸ Local onde acontecem as apresentações dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso durante o Festival Folclórico de Parintins.

sendo que foi influenciado pela literatura de cordel (MONTEVERDE, 2003). Pensamentos e emoções marcam as letras das toadas, conforme se pode visualizar em obras como Quilombolas da Amazônia composta por Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Boi, que faz parte do conjunto musical apresentado pelo Boi Garantido no ano de 2017, onde os mesmos celebram a luta do povo negro:

Somos quilombolas da Amazônia
Negros e cafuzos dessa região
O Boi Garantido festeja seu povo pulsando a mãe-África no coração
Mocambo é morada do sonho cabano
Navega nas águas do nosso rio-mar
Erepecurú, Madeira, Trombetas, Negro, Tapajós, Andirá
Sou do São José!
São Benedito, Verequete, sou do carimbó, lundu e siriá
Retumbão, cordão de pássaro, Marambiré, Marabaixo e boi-bumbá
Voa, voa, voa
Voa bem alto e faz brilhar
Voa, voa, voa
No negro céu da consciência
Voa, voa, voa
A constelação da resistência
Voa, voa, voa
Refletida em cada olhar
Trago a herança ancestral de gerações oprimidas
Resistência e força brasileira da matriz africana
Anunciando um novo tempo de liberdade e esperança!

A letra da toada trata sobre a resistência dos quilombolas através da luta, das manifestações culturais mostrando seu canto e ações de liberdade pela igualdade racial, pelo respeito e emancipação dos negros tanto na Amazônia como em todo o Brasil. A obra é influenciada pela força da luta dos negros e segundo o compositor Enéas Dias ela é:

Fruto de muita pesquisa dos quilombos por perto, como Barreirinha e Oriximiná, aquela vontade mesmo de falar dessa questão que tá na formação da nossa cultura, da nossa identidade, do nosso DNA mesmo essa questão negra que às vezes o boi esconde como se o negro não tivesse participação nenhuma na nossa formação. E ele está totalmente “entranhado”⁹.

⁹ Entrevista realizada em outubro de 2015 no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, unidade Parintins.



Os compositores trazem na música reflexões sobre a presença negra na Amazônia, se tornando assim um arauto de esperança para o reconhecimento de uma Amazônia negra, sem estranhamentos em relação à matriz africana.

As toadas, cantos negros, contribuem para ressignificações da presença negra na consciência coletiva dos parintinenses e para além deles, uma vez que o Festival é espetacularizado com ampla divulgação nas mídias de diferentes âmbitos.

No cerne do boi-bumbá está Mãe Catirina e Pai Francisco, representantes da cultura negra, condutores de todo o momento simbólico que é a morte e ressurreição do boi mais amado pelo dono da fazenda. É o desejo de Catirina pela língua do boi que leva Francisco a matar o animal preferido.

Pai Francisco, Mãe Catirina e Gazumbá eram ou ainda são apresentados como personagens caricatos na celebração folclórica do boi, são itens que não pontuam na avaliação dos jurados do Festival Folclórico de Parintins.

Entende-se que a representação que se tem dos negros no auto do boi bumbá realizado na arena do Bumbódromo de Parintins deve desenvolver maiores reflexões e compreender ressignificações de forma coerente com a contribuição afro na manifestação popular local assim como em outras.

Considerações Finais

A cultura negra no Amazonas, em particular, em Parintins ainda vem sendo revelada e ressignificada, com limitados enfoques em algumas áreas, mas com grande impulso, em virtude das lutas de remanescentes quilombolas e discussão sobre diferenças e identidades culturais. Deve-se considerar, portanto, sua relevância na Amazônia de forma ampla e destituir quaisquer equívocos provenientes da falta de conhecimento sobre as vivências negras no território amazônico.

São necessárias discussões sobre a presença negra na Amazônia e sobre a forma como é apresentada a contribuição afro-brasileira na arena do Bumbódromo de Parintins. Também deve-se analisar a contribuição negra para além do boi-bumbá, com enfoque nas religiões de matriz africanas, na linguística amazonense, na identidade



ético-racial como um todo. Os compositores de toadas e coordenadores de boi bumbá têm apresentado obras que fazem a demonstração da riqueza da cultura negra, que contestam e repudiam o racismo, o silenciamento da presença africana na Amazônia.

Com toda a luta do Movimento Negro em diferentes partes do Brasil e implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/08 a cultura e ativismo negro em prol à valorização e respeito pela cultura afro-brasileira tem sido intensificado nos últimos anos em diferentes espaços sociais.

A própria indústria cultural tem divulgado a importância dos negros na constituição do Festival Folclórico de Parintins, o que é perceptível na dramatização e número de toadas produzidas nos últimos anos abarcando a temática negra para ser explorada nas apresentações dos bumbás no Bumbódromo.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, Robert. No Rio Amazonas [1859]. Belo Horizonte:Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

AZEVEDO, Juliana Batista e SIMAS, Hellen Cristina Picanço. Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, Universidade Federal do Amazonas, julho-dezembro, 2015.

BITTENCOURT, Antônio Clemente R. Memória do Município de Parintins: **estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?** In: O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açai; CNPq, 2011.

_____. Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. In: Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra. (Org.). Oficinas do CES. 2007, v. 288, p.

CARDOSO, Yasmin Ribeiro Gatto; NEVES, Soriany Simas. Evidências folkcomunicações e folkmidiáticas no boi de Rua de Parintins. **Revista Eletrônica Mutações**, [S.l.], v. 4, n. 7, ago.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



2013. ISSN 2178-7018. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/562>>. Acesso em: 23 maio de 2018.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. **Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial**. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2.ed. Manaus: Prograf, 2009.

GOMES, Flávio dos Santos. **“No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XX**. Ed. by unisinos; 10 (3): 281- 292 Setembro/Dezembro 2006. Disponível em:
http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol10n3/art_04_gomes.pdf.

MONTEVERDE, Dé; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura; Editora da Universidade Federal do Amazonas e Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX**. Terra das Águas: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n. 1, p. 148-172, 1999.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. A Formação Espiritual da Amazônia. In: **Revista Cultura**, ano I, n. I, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 97-118, 1948.

SAUNIER, Tonzinho, **Memórias dos acontecimentos Históricos**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

_____. O magnífico folclore de Parintins. Manaus: Casa Civil, 1989.

SOUZA, Francisco Bernardino de. Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.

VALENTIN, Andréas. **Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Valer, 2005.

Fontes orais:



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Entrevista realizada com Enéas Dias, compositor e músico da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em outubro de 2015.

Entrevista realizada com Marcos Moura, compositor, produtor cultural e folclorista da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em maio de 2018.

Toada de boi-bumbá citada, autores, seu respectivo CD e ano de gravação/publicação:

Quilombolas da Amazônia. Composição de Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Boi, Magia e Fascínio no coração da Amazônia, Boi Garantido 2017.